

13-07-2021

CRIANÇANDO ADULTAMENTE PELO TEMPO

Alex Franco

[Artista gráfico]

Não sei se é comum a todos, mas à medida que envelheço, cada vez mais sou surpreendido por flash backs, lembranças da infância, da adolescência e até mesmo da fase adulta. Fatos, historietas que “dormiam” em algum canto escuro da memória e que, por estranho que pareça, às vezes dialogam entre si e também com nossa realidade atual. Cismei de escrever sobre isso.

Cena 1 – Pátio externo da fábrica da Mercedes Benz, em São Bernardo do Campo-SP, na década de 1960... Meu pai era parte da multidão de operários que apressadamente deixava as dependências da montadora ao final do expediente. Entre as gentes apressadas brotavam, em sentido contrário, vultos infantis carregando enormes sacos cheios de amendoins, daqueles torrados com casca e tudo. À frente de meu pai, um de seus colegas se detém na intenção de comprar uma porção, que era medida em latas de massa de tomate.

Quanto é? Diz o comprador. – Um cruzeiro moço.

– Tá muito caro, pago só cinquenta (centavos).

– Tá bom, diz o garoto, já enfiando a lata no saco e despejando os amendoins no bolso do operário. Meu pai logo atrás, enquanto comprava sua porção, interpelou o garoto. – Assim você vai ter prejuízo, agora todo mundo vai querer pagar somente a metade. Então, segundo meu pai contou naquela noite, o garoto sorriu e enfiou novamente a lata no saco tirando-a em seguir com apenas metade do volume e dizendo logo: pra quem quer pagar cinquenta, eu ponho meia lata e, ainda com o sorriso no rosto disse, fica tranquilo tio, no seu bolso eu despejei a lata cheia. Ele não apenas vivia o trabalho infantil, como se qualificava profissionalmente, se adaptando às leis do “mercado”.

Cena 2 – Em uma rua, na mesma São Bernardo do Campo, alguns anos mais tarde... A prefeitura da cidade havia inaugurado um parque temático chamado “Cidade das Crianças” que, embora muito diferente dos que existem hoje, tornou-se uma atração para programas familiares nas tardes de domingo. Estávamos chegando e meu pai acabara de estacionar o fusca em uma rua próxima, quando um menino com idade muito próxima à minha se postou diante da porta do carro, bateu continência como a justificar sua impecável farda de “guarda mirim” e ofereceu-se para cuidar do carro.

Ele, tão criança quanto eu e minha irmã, iria trabalhar enquanto nós nos divertíamos na “Cidade das Crianças” - ironia pouca é bobagem. A mesma cidade que investira na construção de um parque infantil para os filhos da classe média, captava crianças das classes mais pobres a pretexto de tirá-las do mal caminho, apresentando-lhes desde cedo o trabalho infantil, pior ainda, na forma de sub emprego.

Cena 3 – Praia Maitinga, em Bertioga-SP, em 2017...

Eu na praia, curtindo o mar, levemente calibrado.

De repente, ele chegou do nada porque sabia, *ninguém pergunta mesmo de onde essa gente vem*. Aproximou-se com a dignidade dos humildes e perguntou se poderia levar as latas vazias da mesa ao lado.

Claro que sim, respondi oferecendo duas outras latas da nossa mesa. Expliquei também que a outra mesa não tinha mais dono, não era nossa. Um sorriso esburacado nasceu em seu rosto: então eu posso comer as sobras? Perguntou eufórico dizendo, estou com muita fome.

Perplexo, abri os braços e esbocei um sorriso amarelado. Ele não esperou pela resposta. Deixou o saco com as latas na areia, sentou-se, puxou a travessa com restos de comida e, sacando uma “barrigudinha” da bolsa, disse com orgulho: vou aproveitar e tomar uma. *Meu caro amigo Chico*, como soubeste sempre de tantas coisas?

Lembrei que a gente ainda tem que *ir levando por teimosia ou por pirraça, e que precisa de muita cachaça pra segurar o rojão*. Lembrei também do Milton cantando a *estranha mania dessa gente de ter fé na vida*. Enquanto eu pensava, *ele, assim como veio, partiu*. *Pivete ou Guri*, o agora velho ficou novamente *menino azul* da cor do mar e, mimetizado, sumiu. Logo será mais um desencarnado, aqui no *Brejo da Cruz*.

Em mim permanece a vergonha de sequer, ter lhe oferecido comida digna. Arrebatado e inerte, sorri para o horizonte, garganta com nó, peito vazio, olhos embotados de areia e lágrima.

Cena 4 – O apartamento onde moro, em São Paulo, maio de 2021... As lágrimas secaram, as dores não, Elis segue cantando *O Vendedor de Laranjas*, que podia ser de amendoins, Beth ainda canta *O Guri* que, a seu modo, se rebelou contra o sub emprego. Eu sigo esperando um *índio descer de uma estrela num ponto equidistante entre o Pacífico e o Atlântico*.

■ ■ ■

Referências musicais: *Meu Caro Amigo, Minha História, Brejo da Cruz, Pivete e O Meu Guri* de Chico Buarque; *O Menino das Laranjas* de Theo de Barros; *Maria Maria* de Milton Nascimento e *Fernando Brant*; e *Um Índio* de Caetano Veloso.

OBS: Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.